

Sociabilidades e discursos na configuração social do Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1907- 1921

Sociabilities and discourses in the social configuration of Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1907-1921



HOLLOWATE, Isaias*

 <https://orcid.org/0000-0002-8129-1465>

RESUMO: Este artigo estuda o estabelecimento e consolidação do jornal *Diário dos Campos* em Ponta Grossa no Paraná, entre os anos de 1907 e 1921 a partir do estudo das sociabilidades e discursos que permeavam a constituição e a existência do jornal. Ao redor da publicação, uma unidade social foi sendo desenvolvida envolvendo funcionários, colaboradores, patrocinadores e leitores. As mudanças nessa estrutura ocorreram em forma de um processo não linear, mas que, em fins de 1921, apontavam para uma consolidação da publicação, com membros reconhecidos e premiados e com um posicionamento sobre questões políticas sociais e ideológicas da sociedade. Esse estudo busca, a partir do levantamento histórico e das estruturas sociais locais, análise das sociabilidades e investigação das representações, compreender o encadeamento entre as sociabilidades e os discursos presentes na publicação e a configuração social que foi sendo desenvolvida.

PALAVRAS-CHAVE: Configurações Sociais; Diário dos Campos; Ponta Grossa; Sociabilidades.

ABSTRACT: This article studies the establishment and consolidation of the newspaper *Diário dos Campos* in Ponta Grossa, Paraná, between the years 1907 and 1921, based on a study of sociability and discourses that permeated the constitution and existence of the newspaper. Around the publication, a social unit developed itself involving employees, collaborators, sponsors and readers. The changes in this structure occurred in a non-linear process, but which at the end of 1921 pointed to a consolidation of the publication, with recognized and awarded members and a position on social and ideological political issues in society. This study seeks, from the historical research and the local social structures, the analysis of sociability and investigation of representations, in order to understand the link between the sociability and the discourses present in the publication and the social configuration that was developed.

KEYWORDS: Social Configurations; Diário dos Campos; Ponta Grossa; Sociability.

Recebido em: 29/08/2020

Aprovado em: 13/03/2021

* Mestre em História pela UEPG, Ponta Grossa – PR. Doutorando em História pela UFPR, Ponta Grossa – PR. Bolsista CAPES. Atua como pesquisador nas áreas de História Social do Discurso e História da Cultura Escrita, com ênfase nos estudos sobre as relações entre os discursos e sociabilidades em uma configuração social. Email: isaiashollowate@gmail.com



Introdução

Como entusiasta e franco-atirador dos propagandistas de Ponta Grossa, por diversas vezes me vi em sérios apuros quando, em viagens, apregoava o progresso e o futuro da cidade onde constituíra família.

Quase sempre, no auge da conversação elogiosa, os que não conheciam nossa cidade perguntavam-me:

- Temos indústrias?

- Estão em formação.

- Temos boa viação?

- Temos a melhor do Estado, além de outras que fatalmente virão.

- Temos comércio?

- Em franca prosperidade.

- Quantos jornais há? São diários? (Aqui é que o Jacob embatucava...)

- Não temos nenhum, já tivemos, mas se acabaram.

- Então não há progresso em sua terra.

Assim, tinha eu que concordar, reconhecendo que numa terra sem imprensa não há, efetivamente progresso.

(HOLZMANN, 2004, p. 263-264)¹

É tentador ao apaixonado pela História olhar para o passado e buscar construir um destino linear nos processos históricos, com um final teleológico que se finaliza na sua própria existência. Porém, a História não é teleológica e nem os processos históricos ocorrem de forma inevitável. A História é a Ciência dos homens no tempo (BLOCH, 2001, p. 55) e os processos históricos ocorrem em função das transformações em seu próprio tempo e espaço. Por isso, a investigação e a reflexão do historiador precisa buscar compreender os significados e significantes presentes em cada momento do período em que o processo ocorre. Isso não significa que a História abdica do presente, mas que ela dialoga com o passado e o presente. O rosto do anjo da História está dirigido para o passado. Ele vê acontecimentos únicos, “catástrofes que acumulam incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersam a nossos pés” (BENJAMIN, 1987, p. 226). Mas o olhar do historiador se desloca entre o presente e o passado, pois ele precisa dar um significado compreensível no presente para as “ruínas” do passado. Por isso, o historiador busca compreender os acontecimentos em sua historicidade e em sua processualidade.

¹ A primeira edição do livro *Cinco Histórias Convergentes* de Epaminondas Holzmann foi publicada em 1966. A edição disponível em mãos do pesquisador é a segunda edição revisada, publicada pela editora UEPG em 2004. O livro é composto de memórias escritas pelo filho do fundador do *O Progresso/Diário dos Campos* nos seus últimos anos de vida. A obra trata de suas lembranças sobre cinco personalidades ponta-grossense que fizeram parte do círculo de sua convivência, sendo eles, seu pai, Jacob Holzmann, o magistrado Casimiro Reis (1864-1913), o médico Francisco Búrzio (1875-1961), o jornalista Hugo Mendes Borja dos Reis (1884-1934) e o teatrólogo José Fernandes Cadilhe (1881-1942) (HOLZMANN, 2004). Por isso, nessa pesquisa, as memórias de Epaminondas Holzmann constituem uma das fontes históricas a investigadas.

Se para o cidadão ponta-grossense que passa pela Avenida Bonifácio Vilela e encontra o prédio atual do jornal *Diário dos Campos* é sedutor acreditar que a fundação do jornalismo em Ponta Grossa no início do século XX era inexorável, a afirmação de Jacob Holzmann (1875-1933) apresentada por seu filho Epaminondas Holzmann (1896-1960) que “[...] não temos nenhum [jornal], já tivemos, mas se acabaram.” (HOLZMANN, 2004, p. 264) é esclarecedora. Diversas tentativas de estabelecimento de uma imprensa local no final do século XIX e início do século XX fracassaram em Ponta Grossa (PONTES; GADINI, 2008).

Diversos foram os fatores que representavam dificuldades para a consolidação de uma unidade jornalística em Ponta Grossa na virada do século XIX para o XX. Tais problemas envolviam especialmente a existência de diversos grupos da elite local disputando espaços de poder. Cada periódico instalado precisava manter uma relação positiva com outros grupos interessados na construção de uma imprensa local sob seu domínio e a sociedade na qual ele tentaria manter-se. Falhar em construir uma relação positiva com as elites no interior do Paraná significava, para o incipiente jornalismo, um decreto de falência.

As elites locais também não eram uniformes. Elas se dividiam em grupos com interesses divergentes e se chocavam continuamente em disputas pelos espaços de poder. Os jornais, enquanto uma ferramenta comunicativa, também constituía um desses espaços de poder em disputa pelas elites. E para sua sobrevivência, os periódicos precisavam do apoio e do patrocínio desses grupos.

Por isso, para o estudo das sociabilidades e dos discursos presentes no jornal *Diário dos Campos* se faz necessária a compreensão das características do jornal como fonte e objeto e sua relação com a sociedade ponta-grossense, investigando suas estruturas sócio-históricas naquele período no qual essas tentativas jornalísticas se realizaram, a historicidade da fundação do jornal e dos discursos e relações de sociabilidade que possibilitaram a consolidação do jornal *Diário dos Campos*.

O trabalho do historiador com os jornais

Os discursos que aparecem nas páginas de um jornal do início do século XX são entendidos como representações de uma realidade. Estas, não são cópias exatas da realidade social da época em que foram escritas, mas afirmam realidades discursivas, ou seja, tratam-se de construções individuais feitas em um determinado momento histórico, social e cultural. A representação é, assim, compreendida através da relação signo – significado “entendida, deste modo, como relacionamento de uma imagem presente e de

um objeto ausente, valendo aquela por este, por lhe estar conforme.” (CHARTIER, 1991, p. 184).

Construídas a partir de uma apropriação de mundo própria de um indivíduo ou grupo, as representações são específicas e dialogam com a cultura e a sociedade das quais fazem parte, atendendo a interesses daqueles que as produzem. Entretanto, podem reconstruir uma realidade na forma de um discurso produzido em um contexto próprio e divulgado nos seus meios de circulação. Quanto maior o espaço de circulação de um discurso e mais próxima sua relação social e cultural com os grupos com acesso a essas representações, maior a possibilidade dos signos e significados do discurso atingir seus alvos.

Tais representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes fosse exterior. Elas possuem uma energia própria que convence de que o mundo, ou o passado, é realmente aquilo que dizem que é. Produzidas em suas diferenças pelos distanciamentos que fraturam as sociedades, as representações, por sua vez, as produzem e reproduzem. (CHARTIER, 2010, p. 26).

Por isso, a investigação que se utiliza dos jornais como fonte e objeto da pesquisa precisa compreender que as páginas do periódico que lhe chegam as mãos possuem um aspecto discursivo e social historicamente datado.

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. [...] os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustrações que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. (LUCA, 2011, p. 140).

A utilização do jornal como fonte se dá pelas amplas possibilidades de análise que estes permitem. Sua utilização foi se tornando mais comum após as transformações promovidas pela História Cultural, especialmente a partir do final da década de 1970, com a popularização de novas fontes, problemas e abordagens de pesquisa (LE GOFF; NORA, 1978), tendo o uso dessa variedade de documentos dado origem a uma multiplicação na disponibilidade de fontes e aberto novas perspectivas de pesquisa (REIS, 1994, p. 126). Com os avanços nas investigações, os jornais se tornaram uma importante fonte para diversas áreas, pois as páginas das publicações apresentam discursos em que determinados grupos sociais constroem e divulgam suas representações sobre o meio cultural e social do qual fazem parte. O estudo dessas fontes possibilita uma reconstrução de fatos históricos e culturais de uma sociedade.

Nesse sentido, compreende-se o jornal como uma ferramenta que constrói uma realidade, atuando como um instrumento político de legitimação e de contestação social ao mesmo tempo em que é influenciado pelo meio social, realizando uma constante troca de informações (ALSINA, 2009, p. 129).

Estudar o jornalismo por um viés histórico possibilita uma melhor compreensão das formas com que indivíduos pertencentes a determinados grupos, pensavam, praticavam e representavam a sua realidade. Ao mesmo tempo, por ser uma produção discursiva e social com características próprias, a linguagem publicada no jornal voltado para o público leigo complexificava as relações entre os membros do circuito comunicativo, pois ao mesmo tempo em que o colaborador do jornal escrevia para o veículo informativo, também estava produzindo para ser lido por indivíduos que, em muitos casos, poderiam encontrá-lo e discutir o tema com ele nos botecos, cinemas e na convivência diária (HOLLOWATE, 2018, p. 27).

O jornal físico, produzido em um determinado tempo e espaço, além de ser o elo entre as sociabilidades e os discursos, também era a razão da existência da própria configuração, sendo um veículo informativo e uma mercadoria. O periódico é produzido por indivíduos com interesses variados que muitas vezes são negociados ou impostos, pois o espaço de sua circulação é um espaço de relação entre pessoas que negociam, organizam-se e muitas vezes concordam ou discordam. Ao mesmo tempo, o jornal também é um veículo que informa, diverte, interpreta e guia seu leitor.

Tais discursos são produzidos em meio a processos de transformações sociais da cultura e de modificações culturais da sociedade, se constituindo enquanto criações e elementos transformadores dessa realidade. Assim, os discursos publicados nas páginas do jornal eram culturalmente construídos em meio a “práticas que obedecem a regras” (FOUCAULT, 2008, p. 159) que articulam sua função enunciativa.

Assim, o processo de investigação ocorre através uma análise que obedece aos elementos de uma crítica de uma fonte impressa, o qual é constituído de um estudo das características físicas do produto midiático, os sentidos dos textos objetivamente e as camadas subjetivas do texto em relação ao seu contexto histórico de produção e circulação.

[O método de estudo com fontes jornalísticas é estruturado] em dois tempos: um objetivo que interpreta o texto escrito efetivamente e outro subjetivo que precisa entender aquilo que não aparece escrito, mas é possível identificar à luz do contexto histórico. Assim, o estudo da imprensa necessita do reconhecimento do que está em torno dela, já que essa mesma imprensa está invariavelmente atrelada ao seu tempo histórico. (SOSA, 2007, p. 11-12).

O período de fundação do *Diário dos Campos* e de consolidação do periódico como ferramenta comunicativa está em estrita correlação com as transformações na sociedade ponta-grossense das últimas décadas do século XIX e que ganharam força no início do século seguinte. A investigação compreende o jornal enquanto fonte que produz um discurso sobre uma realidade. O trabalho do historiador busca compreender a representação à luz da sua temporalidade e das relações sociais que a compunham.

Sociabilidades ponta-grossenses no alvorecer do século XX

O ser humano é um animal social. No decorrer dos séculos ele buscou estabelecer-se em unidades sociais de sobrevivência de forma a obter um melhor aproveitamento dos seus recursos e uma maior chance de sucesso de suas empreitadas. Dentro dessas estruturas uma série de relações são estabelecidas, indo de mais simples para mais complexas no decorrer da consolidação da unidade. Nelas, o interesse pela sobrevivência individual e sucesso do grupo são interconectados com as proximidades afetivas, ideológicas e hierárquicas. Com isso, acaba estabelecendo uma dinâmica de relações e interesses que moldam seus membros e as sociabilidades e ações que são reconhecidas pelo grupo. Essas sociabilidades são entendidas como uma forma de associação e um jogo em que os lances de cada indivíduo determinam e são determinados pelos papéis que ele ocupa na rede.

Assim, as sociabilidades são um exercício livre dos conteúdos materiais que essas formas adquirem por si e pelo estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, produzindo assim significados próprios (SIMMEL, 2006, p. 63-64). Tal, como Voigt (2019, p. 117-118) aponta, as redes de sociabilidades podem atrair indivíduos de diferentes grupos sociais para o jogo. Tais diferenças podem ser espelhadas para as representações produzidas no jogo, e, por conseguinte, as relações em uma rede de sociabilidades também podem envolver relações de poder não igualitárias. Nesse espaço de interação social, o indivíduo não apenas se relaciona com os outros, mas também produz discursos sobre si e sobre a própria unidade. Assim, desde que a comunicação se tornou um mecanismo de socialização fundamental para as relações humanas, os discursos e sociabilidades são vertentes fundamentais para se compreender as unidades sociais.

No início do século XX uma dessas unidades sociais se estabeleceu em uma pequena cidade no interior do Paraná chamada Ponta Grossa. Não era a única desse tipo no Paraná e tampouco no Brasil. Porém, ela trazia uma série de características que a tornam interessante para essa pesquisa não só pelo número de fontes disponíveis como também pela sua complexidade e as possibilidades que a compreensão dessa unidade e da configuração que se estabeleceu nela nos permite observar.

A estrutura em estudo é uma configuração social estabelecida em torno do jornal *Diário dos Campos* de Ponta Grossa sob a direção do comerciante Jacob Holzmann² e do jornalista³ Hugo dos Reis. Por configuração social entendemos a construção de um grupo em um espaço, com relações dinâmicas e estabelecimento de um regime de condutas e padrões que permeiam as relações entre os membros da unidade social. Assim, a configuração social em um ambiente, como entre os indivíduos que acessavam ao *Diário dos Campos*, cria um padrão regular – mas também fluido - de normas e ações permitidas, como um jogo, com padrões próprios e prêmios específicos do ambiente em questão (ELIAS, 2008).

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que essa configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou adversários. (ELIAS, 2008, p. 142).

Ponta Grossa é um município da região dos Campos Gerais do interior do estado do Paraná, ocupada durante os séculos XVIII e XIX pela economia tropeira e a instalação das fazendas de internagem dos animais que passavam pela região em direção ao estado de São Paulo. A economia das internadas era intensamente dependente da utilização do regime da escravidão, inicialmente predominantemente indígena e que, no decorrer do século XIX, foi substituída pela escravidão negra.

A partir do último quarto do século XIX a região passou por um processo de transformação social com o declínio da economia tropeira escravocrata (PEREIRA, 1996, p. 53-54; MARTINS, 2011, p. 47-64) e o desenvolvimento de uma economia mais diversificada com a instalação de indústrias na cidade (KOHLRAUSCH, 2007, p. 20) e um nascente comércio urbano (LEANDRO, 1995, p. 12). A chegada de levas de imigrantes poloneses, italianos, alemães, russos e ucranianos causou um aumento populacional na cidade que passou, entre os anos de 1890 e 1920 de 4.774 habitantes em 1890 para 20.771 em 1920 (PINTO, 1980, p. 61).

A abolição da escravatura, construção da República e fortalecimento dos discursos de modernidade também significaram transformações na região. Tais mudanças impactavam nas disputas sobre a identidade local e estimulavam, entre alguns

² Sobre Jacob Holzmann ver HOLOWATE (2018) e, embora não seja um produto historiográfico, vale a pena ler as memórias de seu filho Epaminondas (HOLZMANN, 2004).

³ A utilização do termo jornalista neste ensaio busca apontar aqueles que atuavam na produção das edições de um jornal. A primeira escola de jornalismo brasileira foi fundada apenas em 1947.

membros da elite local ponta-grossense, a presença de ideais que defendiam a concepção de cidade urbanizada com seus hábitos de “urbs agitada e triunfal” como signos do “avanço de Ponta Grossa rumo ao progresso.” (ZULIAN, 1998, p. 44).

Esse ideal de modernidade que ganhou força entre esses grupos dominantes nessa época, apresentava íntimas ligações com os princípios de “Ordem” e “Progresso”, originários do Positivismo. O Positivismo era uma doutrina de pensamento proposto por August Comte que se propôs a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas. No plano social, se caracterizou por um princípio evolucionista das sociedades a partir de estágios menos avançados para mais avançados (Estágios Teleológico, Metafísico e Positivo), em que a sociedade avançaria em direção ao Cientificismo e ao Progresso (BRANDÃO, 2011, p. 80-105). Essa concepção iria fazer parte do cotidiano defendido por alguns grupos de membros da elite local, que buscavam em seus discursos, defender uma urbanização marcada pela atuação dos poderes públicos no meio citadino de forma a alterar, modificar e controlar o meio urbano se embasando em discursos de progresso tecnológico, científico e industrial (PESAVENTO, 2004, p.79).

Porém, esses discursos amplamente presentes no meio social local, não significavam sua aplicação imediata em práticas sociais, sendo que as transformações na sociedade local ocorriam em uma mescla, ou seja, com características próprias e em negociação com as práticas locais. A inauguração do cine Renascença em 1911, por exemplo, em uma época em que o cinema era visto pelos positivistas como um símbolo do progresso moderno e “O cinematógrafo coroou [...] toda uma era de grande progresso técnico ocorrido ao longo do século XIX.” (LEANDRO, 1995, p. 66), também envolvia especificidades do meio interiorano local. O cinema em Ponta Grossa também exibia filmes, tal como os cinemas das metrópoles. Todavia, essa não era sua função principal. O cinema local, também fundado por Jacob Holzmann, tinha por função primordial, servir como um espaço para a banda Lyra dos Campos tocar (HOLZMANN, 2004, p. 110).

A noção de modernidade se afirmava enquanto um discurso idealizado, amplamente defendido por grupos progressistas da região. Contudo, esses ideais modernistas presentes nos discursos do *Diário dos Campos* não significavam uma prática aplicada sem distinção no meio social. O que ocorria era uma cultura mesclada entre práticas tradicionais e ideais positivistas que iam sendo apropriados por alguns membros das elites locais. As tentativas de aplicação da ideologia positivista na vida cotidiana dependia das condições locais, e em diversos momentos, entrava em choque com modelos tradicionais de convivência mais antigos, especialmente em Ponta Grossa,

por ser uma cidade interiorana e historicamente dominada por uma elite majoritariamente conservadora. Tais disputas pelos sentidos do urbano foram alguns dos responsáveis pelas disputas entre modernidade e tradição e pelas intervenções de mecanismos dos poderes públicos em determinados grupos locais vistos como símbolos de atraso, tais como mendigos, parteiras, curandeiros e prostitutas.

Vale lembrar também que a idealização da modernidade não condizia com a prática social nem mesmo nas metrópoles, como mostram o exemplo do Rio de Janeiro que conviveu com a chibata e as favelas e Paris com o aumento do desemprego e as difíceis condições de vida dos mais pobres. Os discursos modernistas produzidos nas sociedades do início do século XX apresentavam apropriações locais de ideais (inter)nacionais e, como aponta Chartier “[...] a apropriação é criadora, produção de uma diferença, proposta de um sentido possível, porém inesperado.” (CHARTIER, 2010, p. 25). Assim, as representações produzidas sobre a modernidade e o progresso, sejam locais ou internacionais eram signos com um sentido ideal e não uma reprodução exata da realidade.

Todavia, o aumento exponencial da população no meio urbano fortaleceu a produção comercial e industrial através do aumento do consumo na própria população local e regiões vizinhas. Anteriormente ao período de ascensão da economia urbana, a principal função da aglomeração urbana era servir como um lugar de descanso e troca de mantimentos pelos tropeiros (HOLOWATE, 2018, p. 43). Não havia, inclusive, uma distinção clara entre o rural e o urbano, onde terminava a cidade e começava as invernadas e o domínio dos grandes fazendeiros. A cidade existia em função da economia tropeira e a presença das grandes fazendas de descanso dos tropeiros na região. Com a consolidação do meio citadino, ocorreu o aparecimento de novas classes sociais como os operários (MONASTIRSKY, 1997, p. 52) e os jornalistas (HOLOWATE, 2016b, p. 25-28), e favoreceu o desenvolvimento de um sentimento de pertença ao meio urbano, que era motivado pela vivência e dependência dos moradores da cidade para as atividades que não dependiam exclusivamente do meio rural, mas da própria cidade. Assim, surgiram práticas sociais anteriormente não existentes no meio local, tais como o trabalho operário, a convivência nos clubes, cinema, bares e as atrações oriundas do caminhar pela cidade, conversar diariamente com “conhecidos”, debater a política e a sociedade à sua volta.

Essas mudanças estruturais na cidade também atraíram fazendeiros para “fazer negócios na cidade”, passando a assumir também investimentos no meio urbano e compartilhar espaços de sociabilidades com os imigrantes e investidores citadinos. Com mais dinheiro circulando, se fortaleceu o comércio citadino, desenvolvido principalmente

por estabelecimentos fundados por imigrantes, com a instalação de açougues, lojas de secos e molhados, mercearias e sapatarias.

As mudanças na sociedade local também sofreram um impulso com a instalação das duas ferrovias em Ponta Grossa nos anos de 1893 e 1896 (PETUBA, 2012, p. 1). Além de facilitarem o abastecimento econômico da região, elas diminuíram radicalmente o tempo de deslocamento dos cidadãos para os principais centros metropolitanos do país: se antes uma viagem para Curitiba durava de três a quatro dias e para São Paulo mais de uma semana no lombo dos animais, após a chegada das ferrovias, é possível encontrar diversos membros da elite ponta-grossense fazendo viagens diárias para as capitais (VIAÇÃO FERREA, 1910, p. 1982).

Essa maior integração espacial também estimulou a presença de grupos de intelectuais entre membros das elites locais da região. Esse fenômeno já vinha ocorrendo em menor escala desde meados do século XIX, pelo qual filhos de fazendeiros se dirigiam às capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, onde realizavam seus cursos de bacharelado (LEANDRO, 1995, p. 13) e, após retornarem à região, assumiam funções no setor público ponta-grossense ou desenvolviam iniciativas de investimento privadas junto aos grupos de investidores locais (HOLLOWATE, 2016a, p. 23-25). A chegada dos imigrantes reforçou o processo de injeção de ideias e motivou o estabelecimento de grupos de pensadores locais responsáveis pelo aparecimento de discussões em Ponta Grossa sobre temas debatidos no meio nacional e internacional. Tais discursos, produzidos em diálogo com os textos científicos, eram reconstruídos em relação às questões sociais locais e os desafios cotidianos desses entusiastas e publicados em livros, panfletos e jornais (HOLLOWATE, 2018, 60-69).

Discursos progressistas com uma sociedade influenciada por grupos de elites locais conservadoras pode parecer ao leitor uma contradição. Porém, as apropriações de um discurso são específicas ao interesse daquele que toma um discurso para si. Por isso, é muito importante ficar atento aos usos do discurso em cada configuração social e em cada momento. Assim, o que poderia aparentar ser uma contradição é apenas um sinal da complexidade dos discursos e apropriações em um ambiente específico.

Ao mesmo tempo, deve-se observar que nessa sociedade mesclada, a estruturação de serviços públicos não ocorriam na mesma velocidade que o aumento populacional e as mudanças tendiam a atender apenas a alguns grupos sociais mais privilegiados. A instalação da energia elétrica e a iluminação pública em 1904 atendiam apenas as ruas centrais. Os dois médicos presentes na cidade em 1911 geralmente atendiam em farmácias e atingiam principalmente as elites locais. Ao mesmo tempo, a cidade não dispunha, na primeira década do século XX de um serviço sanitário, água

encanada ou calçamento urbano, faziam com que a população fosse constantemente alvo das epidemias.

Outro aspecto característico dessas mudanças na sociedade local era a existência de espaços de exclusão e a xenofobia com alguns grupos de imigrantes. Holzmann, em uma das páginas do *Cinco História Convergentes* constrói um discurso reinterpretando o caminho seguido por imigrantes russos após a chegada em Ponta Grossa, onde desassistidos pelo setor público e decepcionados com a falta de apoio da população local, muitos deles constituíram residência no meio urbano apesar das dificuldades de vivência na cidade.

Os russos não eram dorminhocos e vadios. Foram confiadas a eles as piores terras; houve má administração e abundaram só os maus conselhos aos colonos desamparados. Daí o abandono das culturas, pois aquela gente tinha que produzir em outros setores para poder comer. Assim, se a terra era sáfara, procuravam trabalho em outra parte, permanecendo nas colônias apenas os velhos e desvalidos. Na cidade, onde vendiam lenha, areia, broas, hortaliças e salames, muitos deles recorreram aos respectivos ofícios: sapateiros, seleiros, carpinteiros, barriqueiros; outros foram construir estradas e os mais jovens empregaram-se no comércio. (HOLZMANN, 2004, p. 48).

Nota-se inclusive, a preocupação do autor em defender os imigrantes contra discursos que veiculavam no período de instalação destes no meio social pontagrossense, como as acusações de serem “dorminhocos” e “vadios”. Tais discursos, combatidos em diversas ocasiões pelo jornalismo local, atingiam principalmente grupos de imigrantes pobres ou de comunidades mais fechadas (SOPELSA, 2009, p. 2; MACIEL, 1915, p. 1) e apontam para a presença de discursos que imputavam os imigrantes, especialmente de alguns grupos, como não-morigerados, inadaptáveis, bêbados e vadios (HOLLOWATE, 2018, p. 46). A acusação de “não-morigerado”, era utilizada na sociedade paranaense do século XIX para referir-se aos indivíduos que não se comportavam de acordo com as leis e regras da etiqueta social defendidas pelas elites socioeconômicas. Os indivíduos que não se colocavam na função operários das indústrias e comércio, vivendo do trabalho e buscando a acumulação de capital eram atingidos por essa preconceitualização que os acusavam de serem incapazes de viver em sociedade e nocivos para o progresso da região (PEREIRA, 1996, p. 5).

Além dos pobres e imigrantes, grupos de ex-escravos também sofriam com a marginalização na sociedade pontagrossense. No final do século XIX, o processo de abolição da escravidão, embora tenha extinguido a escravidão enquanto uma prática legal, não promoveu uma igualdade de condições de sobrevivência entre os indivíduos recém-libertos e a população branca e “[...] não acabou com o regime social e cultural de discriminação que existia durante a escravidão.” (HOLLOWATE, 2016c, p.10). A

marginalização desses grupos também deu origem a respostas dos atingidos, que constituíram lugares de pertença e associação próprios. Tal é o caso do Clube Treze de maio, fundado em 1890 em Ponta Grossa – portanto dois anos após a abolição da escravidão no Brasil – cujas normas restringiam a participação de forasteiros nas atividades do estabelecimento (SANTOS; JOVINO, 2018, p. 177).

O jornal *Diário dos Campos* de Ponta Grossa

No início do século XX, no meio nacional, já haviam publicações com algumas décadas de existência, como o *Jornal do Commercio* (1827-2016) do Rio de Janeiro e o *O Estado de São Paulo*, vigente desde 1875, da capital paulista. Naquele tempo, era comum os jornais serem influenciados das elites políticas dos lugares do qual faziam parte. No *Jornal do Commercio*, que geralmente apoiava os interesses da corte do Império, por exemplo, durante boa parte do Segundo Império, D. Pedro II tinha uma coluna fixa no periódico. Já o *Estado de São Paulo* foi um importante veículo de comunicação da elite cafeeira paulista em sua campanha de oposição às mudanças dos anos finais do império e, como tal, se manteve em uma relação de proximidade com essas elites.

No Paraná, embora houvessem tentativas de estabelecimento da imprensa desde a fundação do *Dezenove de Dezembro* (1854-1890), na primeira década do século XX, o jornalismo ainda era algo novo. Os jornais de maior fôlego, como o *Diário da Tarde* (1899-1983) e o *A República* (1888-1930), trocavam debates e colaborações com articulistas de outros jornais. Os colaboradores circulavam de uma publicação para outra, motivados pelos atritos ocorridos entre as publicações e as oportunidades que surgiam nos periódicos vizinhos. Assim, a doutrina dos jornais, embora defendesse uma certa liberdade de seus membros e se posicionasse enquanto uma ferramenta informativa, na prática, ainda dependiam do apoio político dos grupos poderosos da cidade, os quais não convinha contrariar, sob a pena de ser marginalizado das redes de sociabilidades da imprensa local ou mesmo colocar a própria existência do periódico em risco.

Em Ponta Grossa, a primeira tentativa de estabelecimento de uma unidade de imprensa ocorreu em 1893 com a fundação do *Campos Gerais*. Porém, a vida do jornal foi curta. Assim também ocorreu com seus sucessores *Gazeta dos Campos* (1899), *Jubileu Operário* (1903), *Luz Essência* (1905), *O Escarpello* (1908) e *O Commercio* (1904). Também em Ponta Grossa, essas tentativas iniciais de desenvolvimento de uma imprensa enfrentaram dificuldades, pois geralmente não conseguiam vender assinaturas e anúncios suficientes para cobrir as suas despesas. Para não fecharem, dependiam do patrocínio da Prefeitura Municipal ou dos principais grupos políticos da cidade. Com

isso, muitos periódicos tiveram curta duração, pois findado o interesse político e o desejo em patrocinar a publicação, também terminava a possibilidade de sobrevivência do jornal (PONTES;GADINI, 2008, p. 7).

O Progresso – que após 1913 se chamaria *Diário dos Campos* – foi fundado em 27 de abril de 1907. A configuração do jornal inicialmente apenas Jacob Holzmann, proprietário; Augusto Silva, redator; João Antunes de Oliveira, gráfico; Jovito Ferreira, aprendiz e Epaminondas Holzmann, dobrador das páginas e entregador das edições (HOLZMANN, 2004, p. 329). Como Jacob era músico e não tinha experiência jornalística e Epaminondas tinha 10 anos, na prática o grosso do trabalho começou com apenas três funcionários minimamente capacitados. Ainda assim, desde as primeiras edições o jornal apresentava uma relevante tiragem para a sociedade local⁴ e se afirmava como uma vanguarda intelectual na região com o objetivo de promover o “avanço” da sociedade local e divulgar as conquistas e transformações da cidade.

[o objetivo do periódico era divulgar] os acontecimentos políticos; as atrações culturais; a vida social; os avanços urbanos e tecnológicos e os problemas decorrentes de tais avanços; os acontecimentos fortuitos e pitorescos; quem chegava e quem partia; tudo era objeto das colunas publicadas em *O Progresso*. (CHAVES, 2011, p. 30).

O jornal tinha o formato *standard*, com quatro páginas diagramadas em seis colunas verticais cada uma. Na maior parte do tempo, as duas primeiras eram dedicadas à publicação de editoriais, artigos e notícias, enquanto as duas últimas eram preenchidas com propagandas de medicamentos, estabelecimentos comerciais e indivíduos que promoviam sua atuação profissional na publicação. Pequenas alterações na diagramação poderiam ocorrer motivadas por maior ou menor disponibilidade de anunciantes ou volume de notícias, variando de momentos em que parte da página três ainda apresentavam alguns textos sobressalentes, e períodos de maior quantidade de patrocinadores, em que até mesmo parte da página dois acabava sendo utilizada para propaganda.

Essa configuração social inicialmente pequena foi conquistando no decorrer do tempo, patrocinadores, colaboradores e leitores. A chegada de Hugo dos Reis em Ponta Grossa em fins de 1908 e sua entrada na equipe da publicação com a função de redator literário foi um dos importantes reforços para a configuração do jornal, sendo a figura

⁴ Fontes e autores divergem sobre a tiragem das primeiras edições. Chaves (2011, p. 29) fala de 300 exemplares e Holzmann (2004, p. 267) fala de meio milhar. É provável que o número tenha oscilado nesse período inicial de acordo com as assinaturas, vendas e devoluções. Em todo caso, para uma população de 10 mil habitantes, era uma tiragem relevante.

central da publicação durante as primeiras décadas do periódico. Reis atuou no jornal de 1907 a 1921, galgando as funções de redator literário, redator, secretário, gerente e proprietário do jornal. Socialista convicto, espiritualista e positivista, ele se utilizou da tribuna do jornal para promover diversas campanhas em defesa do sanitarismo, educação, do operariado ponta-grossense e daquilo que ele chamava de socialismo humanitário. Esteve no Contestado durante a guerra, foi um dos representantes dos grevistas em 1917 e participou de diversas lutas pelo jornalismo local (HOLLOWATE, 2016b, p. 39-51).

Com Hugo dos Reis na chefia, a redação teve uma preocupação redobrada com a construção de uma equipe que pudesse colaborar com a publicação. Nos primeiros anos, não era incomum que todas as matérias de uma edição fossem artigos da redação ou republicações de outros jornais. Mas nos anos seguintes, foram criadas diversas iniciativas para estimular autores a colaborarem com o jornal, inclusive através de concursos literários, nos quais a partir de uma temática estabelecida, candidatos escreviam contos e ensaios publicados no jornal e julgados por um júri formado por personalidades locais convidadas e que incluía o próprio Hugo dos Reis (CONCURSO..., 10 fev. 1913, p. 1). Ocorreram diversos concursos literários, como o “A noite”, de fevereiro de 1913. Os textos publicados podem ser encontrados na edição de 1 de fevereiro daquele ano (CONCURSO..., 1 fev. 1913, p. 1-2). As críticas, réplicas e discussões permearam as edições seguintes até por volta do dia 20 do mesmo mês. Essas campanhas literárias facilitaram o reconhecimento de intelectuais do meio local, tal como a escritora Anita Philipovsky (1886-1967) e favoreceram a aproximação de articulistas de outros jornais, tais como colaboradores dos periódicos curitibanos *Diário da Tarde* e *A República*, com o *Diário dos Campos*. Isso fortaleceu a continuidade do jornal, de forma que mesmo em meio às crises e desafios, a equipe do periódico encontrou condições de superar as perdas.

A configuração social era móvel e no decorrer do tempo tanto os membros quanto os enfoques do “jogo” tendiam a se alterar. Assim, alterações no grupo da redação, seja através da aproximação ou distanciamento de um membro da equipe, ou mesmo a chegada e apropriação de novos discursos, tendiam a modificar os posicionamentos do jornal em relação a determinadas representações. Porém, a estrutura das configurações, os enfoques centrais, as regras e normas dos discursos nos jornais – as regras do jogo – mesmo que com contínuas transformações, permaneciam existentes (ELIAS, 2000, p. 58).

Assim, a configuração variava de acordo com os jogadores, interesses, premiações, proibições, discursos e sociabilidades, sejam através de interações,

negociações ou afastamento, pois a configuração é o resultado do grupo enquanto uma unidade formada pelo todo dos indivíduos.

Entre os membros reconhecidos pela sociedade local atraídos para a configuração social do jornal pode se notar o médico Francisco Búrzio, imigrante italiano que chegou a Ponta Grossa após ter se formado na Universidade de Turim. Búrzio conquistou o respeito da sociedade local pela sua qualidade enquanto cirurgião e seu conhecimento intelectual, especialmente na área médica. Tendo chegado em 1908, era um dos raros casos em que um médico atendia em um consultório próprio.

O jornal cedeu espaço para Búrzio boletins médicos e o entrevistou como uma autoridade em questões médicas e biológicas como forma de aproximar e angariar o profissional para a equipe de colaboradores da publicação. Búrzio, por sua vez, foi um dos indivíduos que durante a maior parte do recorte da pesquisa comprou espaço de propaganda no *Diário dos Campos*. Também Flávio Carvalho Guimarães (1891-1968), um dos mais bem-sucedidos políticos ponta-grossenses, membro da elite fazendeira local e literato, foi atraído pelas páginas do *Diário dos Campos*. Amigo pessoal de Hugo os Reis, foi colaborador assíduo do jornal, especialmente durante seus tempos de estudante de Direito e seus primeiros anos após a graduação, o que certamente favoreceu a seu reconhecimento como figura política no meio local e, nos anos seguintes, facilitou suas campanhas eleitorais. Assim, fazer parte das sociabilidades do jornal era interessante para ambos os lados da rede de interesses.

Nas suas primeiras publicações, a unidade jornalística apresentava sinais de uma estrutura improvisada. As ferramentas de impressão na primeira edição “[...] incluíam uma prensa do tempo de Gutenberg.” (HOLZMANN, 2004, p. 268). Contudo, no decorrer das edições o jornal foi se profissionalizando, sendo essa prensa substituída pouco tempo depois por um prelo alemão em que o gráfico fazia girar a manivela ligada a polia, e posteriormente, por prelos cilíndricos movidos a pedal (HOLZMANN, 2004, p. 268-269).

A publicação passou por diversos proprietários, indo das mãos de Jacob Holzmann para a *Companhia Typographica Pontagrossense* – uma associação entre empresários, comerciantes e políticos locais que tinha Jacob Holzmann como presidente e Hugo dos Reis como secretário –, tornando propriedade da *Hugo dos Reis & Cia* – uma associação entre Hugo dos Reis e sua esposa – e sendo vendida para os irmãos Cadilhe em 1921, sempre por déficit orçamentário e falta de apoio financeiro para cobrir as despesas de manutenção do periódico nas terras princesinas. É, aliás uma das regularidades do *Diário dos Campos* naquele período o fato que mesmo possuindo um reconhecimento social considerável, especialmente após 1913, ainda assim, o jornal

continuou seguidamente passando por crises financeiras. A liquidação da *Companhia Typographica Pontagrossense* em 1915 e a venda do jornal para os irmãos Cadilhe em 1921 foram estratégias de sobrevivência da publicação que com contínuo *déficit* orçamentário, caminhava à beira da falência. Reis se retirou para o interior de São Paulo após sua saída do jornal em 1921 onde viveu seus últimos anos de vida em condições muito próximas da pobreza.

Além da falta de investimentos, a publicação enfrentou também, em diversos momentos, a hostilidade de parte da elite local. O jornal se aliou politicamente ao grupo capitaneado pelo Dr. Elyseu de Campos Melo, um fazendeiro, político, advogado e membro da elite local ponta-grossense, conseguindo, com isso um importante apoiador para o jornal e que em 1913 seria um dos principais investidores da *Companhia Typographica Pontagrossense*. Mas os discursos do jornal sobre a atuação da direção da ferrovia local resultou em perseguições e ameaças. Em 1909, em virtude de disputas políticas, o jornal sofreu uma tentativa de empastelamento⁵ e os redatores Hugo dos Reis e João Dutra foram, inclusive, espancados por um grupo de opositores políticos na própria tipografia do jornal (O CASO..., 8 jun. 1909, p. 1-2). Quatro anos depois, a Câmara Municipal de Ponta Grossa, naquele momento sob controle de um grupo que se opunha ao que considerava ser um monopólio da comunicação pelo *Diário dos Campos* daria apoio à criação ao *Município*, um jornal local para competir com o *Diário dos Campos*. Porém, tal como tantos outros periódicos locais, também este teve uma curta existência⁶.

Passados alguns anos, em 1915, alguns membros da configuração social do jornal entraram em um ardoroso debate com o médico Francisco Barbosa Maciel, sobre os significados da raça e a eugeniação do sul do Brasil. Maciel, tendo recentemente retornado de uma viagem acadêmica ao Império Alemão, defendeu um discurso de eugeniação a partir da germanização cultural do sul do Brasil, se apoiando em uma apropriação heterodoxa dos discursos eugenistas e em oposição aos discursos de evolução da raça defendidos pela equipe da redação, que tinha uma forte influência das ideias neolamarckistas e do sociólogo Sílvio Romero. Os textos do médico geraram reações e Maciel acabou sendo acusado por muitos colaboradores do jornal de “antipatriótico”. Nesse momento, a reconhecimento da equipe do jornal já era tamanha que após mais de cinquenta textos de debates entre os contendores publicados no jornal, o

⁵ Empastelamento de uma tipografia é um tipo de atentado com objetivo de danificar os equipamentos de impressão e produção de jornais.

⁶ Sobre a contenda entre a redação do *Diário dos Campos* e a Câmara Municipal de Ponta Grossa, ver o artigo *Relações de Poder: A contenda entre o jornal Diário dos Campos e a Câmara Municipal no alvorecer da imprensa ponta-grossense*, de minha autoria na qual são esmiuçados os fatos relativos a essa disputa (HOLOWATE, 2015, p. 1-18).

médico, desacreditado, acabou tendo que migrar para São Paulo (HOLOWATE, 2018, p. 125).

Dois anos depois, em 1917, a equipe do *Diário dos Campos* esteve ativa durante a Greve Geral, junto ao operariado ponta-grossense. O movimento foi amplamente veiculado ao jornal, com geralmente mais de uma matéria sobre a temática em cada edição da publicação, do dia 20 de julho até o final de agosto de 1917. Algumas personalidades do jornal tiveram papéis de destaque durante o movimento grevista, entre eles, Hugo dos Reis, que atuou principalmente como porta-voz dos grevistas nas negociações com os patrões e Flávio Carvalho Guimarães, que assumiu a função de advogado do movimento em Ponta Grossa. Diversos documentos sobre a greve de 1917 em Ponta Grossa, incluindo discursos de seus líderes e atas dos encontros dos grevistas foram publicados nas páginas do jornal.

Como todo sistema relacional baseado na sociabilidade, e especialmente por ser uma equipe que tinha cronogramas próprios – uma edição do jornal tinha que ser fechada a cada dois dias – a configuração era flexível e mesmo bastante volátil. Colaboradores poderiam parar de escrever por motivos particulares, ou escrever mais, ter mais atenção, receber mais ou menos reconhecimento ou serem restringidos e marginalizados. Assim, se observa que na configuração em 1907, 1909, 1913, 1915, 1917 e 1921 ocorreram transformações tanto na estrutura quanto na reconhecimento social e nas sociabilidades que a engendravam. Porém, a estrutura ainda era a mesma e manteve os mesmos elementos centrais, como a presença de Hugo dos Reis, a mesma estrutura de colaboração, foco e escopo do jornal.

Reis saiu do jornal em 1921, motivado por crises financeiras e por outros interesses do jornalista, vendendo a publicação para os irmãos Cadilhe. O jornal mudaria alguns de seus enfoques principais e a rede de sociabilidades dos colaboradores do jornal sofreria, nos anos seguintes, uma série de transformações. Todavia, o jornal sobreviveu. Manteve-se ininterrupto nos seus primeiros anos graças a configuração, os discursos, as negociações e as relações sociais que foi capaz de construir. E após 1921 continuou publicando trissemanalmente até a atualidade com apenas uma pequena pausa na década de 1990.

Considerações finais

Assim, observamos que a configuração social desenvolvida em volta do *Diário dos Campos* compreende um processo histórico-social em que a sobrevivência do jornal esteve diretamente ligada à flexibilidade e dinamismo de sua configuração, construída e moldada em meio a relações de interesse político, comercial, simbólico e afetivo.

Nesse ambiente, as sociabilidades e o compartilhamento de discursos e ideais nas páginas do periódico poderiam produzir choques discursivos, mas também serviram de espaços de reconhecimento, fortalecimento e aproximação entre os membros dessa configuração, premiando, consagrando e agregando seus membros e também atraindo cada vez mais para dentro da configuração o apoio político e econômico de alguns indivíduos também da elite local da região.

Dessa forma, a configuração social do *Diário dos Campos* foi se consolidando e se modificando no decorrer do tempo. Esse processo está em correlação com as transformações na sociedade local e nacional daquele período, tais como a chegada dos imigrantes, a instalação das ferrovias, declínio da economia tropeira e a modernização e industrialização do meio urbano.

Referências

A GERMANIZAÇÃO do sul do Brazil. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, p. 1, 23 dez. 1915.

ALSINA, Miquel Rodrigo. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRANDÃO, Ana Rute Pinto. A postura do positivismo com relação às Ciências Humanas. *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia*, Pouso Alegre/ MG, v. 03, n. 06, p. 80-105, 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n.11, p. 173-191, 1991.

CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 7-30, 2010.

CHAVES, Niltonci Batista. *Entre “preceitos” e “conselhos”*: Discursos e práticas de médicos-educadores em Ponta Grossa/PR (1931-1953). 2011. 299 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

CONCURSO LITERÁRIO: A noite. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, p. 1-2, 1 fev. 1913.

CONCURSO LITERÁRIO: O júri, classificação dos trabalhos, outros concursos. *Diário dos Campos*, Ponta Grossa, p. 1, 10 fev. 1913.

ELIAS, Norbert. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HOLLOWATE, Isaias. Relações de poder: A contenda entre o jornal Diário dos Campos e a Câmara Municipal no alvorecer da imprensa ponta-grossense. *Mídia & Contexto*. Ponta Grossa, v. 1, n. 04, p. 1-17, 2015.

HOLLOWATE, Isaias. *Representações sobre a eugenia no jornal Diário dos Campos, 1907-1921*. 2016. 49 f. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016a.

HOLLOWATE, Isaias. Hugo dos Reis e a sociedade ponta-grossense: A atuação do jornalista no Diário dos Campos. *Revista Cadernos de Clio*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 29-54, 2016b.

HOLLOWATE, Isaias. A questão racial e as representações sobre o branqueamento no jornal Diário dos Campos, 1907-1921. In: *ANAIS DO 6º ENCONTRO REGIONAL SUL DO HISTÓRIA DA MÍDIA*. Anais. Ponta Grossa, UEPG, 2016c, p. 1-15.

HOLLOWATE, Isaias. *A eugenia nas páginas do jornal Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1908-1916*. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

HOLZMANN, Epaminondas. *Cinco Histórias Convergentes*. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

KOHLRAUSCH, Arlindo Jonas Fagundes. *Introdução à história da arquitetura em Ponta Grossa/Pr: As casas de madeira – 1920 a 1950*. 2007. 183 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novos problemas*. Rio De Janeiro: Francisco Alves, 1978.

LEANDRO, José Augusto. *Palco e tela na modernização de Castro*. 1995. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. 3º ed. São Paulo, Contexto, 2011, p. 111-153.

MARTINS, Ilton César. *E eu só tenho três casas: A do senhor, a cadeia e o cemitério: crime e escravidão na Comarca de Castro, 1853-1888*. 2011. 251 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

MONASTIRSKI, Leonel Brizolla. *Cidade e Ferrovia: A mitificação do pátio central da RFFSA em Ponta Grossa*. 1997. 208 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

O CASO de Ponta Grossa. *O Progresso*, Ponta Grossa, p. 1, 8 jun. 1909.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando iras rumo ao progresso*. Curitiba: UTFPR, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, campos temáticos e fontes: uma aventura da História. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PETUBA, R. M. S. Cidade, Ferrovia e Trabalhadores Ferroviários em Ponta Grossa/PR (1950-1990): memórias e histórias sobre o viver e trabalhar como ferroviário em período de modernização urbana. In: *ANAIS DO VII SIMPÓSIO NACIONAL ESTADO E PODER: SOCIEDADE CIVIL*. Anais. Uberlândia, UFU, 2012. p. 1-12.

PINTO, Elisabete Alves. *A população de Ponta Grossa a partir do registro civil, 1889 - 1920*. 1980. 249 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980.

PONTES, Felipe Simão; GADINI, Sérgio Luiz. *Mídia, História e Memória dos Campos Gerais do Paraná*: Breve análise histórica do jornalismo impresso na cidade de Ponta Grossa (PR). Artigo vinculado a projeto de pesquisa da UEPG. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/3o-encontro-2005-1/Midia-%20Historia%20e%20Memoria%20dos%20Campos%20Gerais%20do%20Parana.doc/viaw>. Acesso em 20 maio 2020.

REIS, José Carlos. *Tempo, História e Evasão*. Campinas: Papirus Editora, 1994.

SANTOS; Merilyn Ricieli dos; JOVINO; lone da Silva. Sociabilidades negras entre a diversão e os letramentos: um clube literário e recreativo nos Campos Gerais (PR). *Revista da ABPN*, Goiânia, v. 10, p.164-183, jan. 2018.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SOPELSA, Renata. “Nós” e “eles”, uma difícil relação: conflitos entre brasileiros e imigrantes em Ponta Grossa-PR (1892-1912). *Revista Cordis*. São Paulo, v. 2, p. 1-17, 2009.

SOSA, Derocina Alves Campos. *A história política do Brasil (1930-1934) sob a ótica da imprensa gaúcha*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

VIAÇÃO FERREA: Curytiba – São Paulo. *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*. Rio de Janeiro, p. 1982, 1910.

VOIGT, Lisa. Festas e sociabilidades nas cidades mineiras nos séculos XVII-XVIII. In: RIBEIRO, Luiz Carlos; DORÉ, Andrea (org). *O que é sociabilidade?*. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 117-129.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. A victoriosa rainha dos campos: Ponta Grossa na conjuntura republicana. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, v. 3, p. 37-76, 1998.